

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – SARAH MALDOROR, A POESIA DA
IMAGEM RESISTENTE
COLABORAÇÕES/APROPRIAÇÕES
7 de Setembro de 2021**

ELLES / 1966

Um filme de Ahmed Lalle

Realização e Argumento: Ahmed Lalle / Colaboração: Sarah Maldoror

Cópia: dcp, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 22 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**L'HÉRITAGE DE LA CHOUETTE (EPISÓDIO 7: LOGOMACHIE OU LES MOTS DE LA
TRIBU) / 1989**

Um telefilme de Chris Marker

Realização: Chris Marker / Voz Off: André Dussollier / Colaboração: Sarah Maldoror

Cópia: ficheiro, cor, falada em francês e grego com legendagem electrónica em português / Duração: 26 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

PRÉFACE A DES FUSILS POUR BANTA / 2011

Versão de sala de uma instalação de Mathieu Kleyebe Abbonenc

Realização e Argumento: Mathieu Kleyebe Abbonenc

Cópia: dcp, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 28 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

O primeiro filme da sessão é um documento precioso sobre a sociedade argelina nos primeiros anos do pós-guerra e da independência. Ahmed Lalle, o realizador, que tinha 26 anos na altura do filme, fora membro activo da FLN, e com **Elles** pretendeu medir o pulso à jovem sociedade argelina, a partir das suas faixas étarias mais jovens: os estudantes liceais. Precisando com mais rigor o objecto da sua análise focou-se “nelas”, nas raparigas (e algumas professoras ou mães) de um liceu de Argel, que falam, para a câmara, num conjunto abrangente de testemunhos, sobre as suas vidas e as suas expectativas para o futuro. O princípio subjacente, que tanto é político como fortemente social, é o de que será impossível conceber um país “novo” se as mulheres e as raparigas não gozarem também de uma liberdade “nova” - o que entronca, naturalmente, com questões ainda de outro foro, o das tradições religiosas (uma parte dos depoimentos é dedicada à questão do véu e ao suposto “pecado” de não o envergar em público). Lalle (que morreu em 2009) teve ocasião de voltar a estas pessoas, ou a outras da idade delas, num filme realizado 30 anos mais tarde, **Algériennes, 30 Ans Après**, que noutra contexto de programação seria, certamente, interessante juntar a **Elles**.

L'Héritage de la Chouette é um dos mais ambiciosos e fascinantes projectos televisivos de Chris Marker. Concebido como uma série de 13 episódios, dedicava-se a investigar o legado da Grécia antiga e a sua permanência no mundo ocidental à beira do fim do século XX. Contando com a participação de vários dos maiores pensadores das últimas décadas (como Cornelius Castoriadis ou George Steiner, particularmente importante no episódio que vamos ver), pretendia-se um espaço de discussão e análise com uma profundidade de que se diria já não ser hoje possível em televisão nenhuma do mundo. O episódio que vamos ver, “Logomaquia”, dedicado às palavras gregas (e ao pensamento e à conceptualização que está antes e depois dessas palavras e continua a influenciar a forma como apreendemos o mundo), em especial à “palavra das palavras”, *logos* (que pode significar, justamente, *palavra*, entre outras coisas), é de se ficar em suspenso perante a inteligência e o conhecimento dos vários intervenientes, gente de várias disciplinas do saber, e perante os fios da conversa, as associações de ideias que se produzem, os estereótipos que se desarticulam. E acaba por saber a pouco, fica-se com vontade de partir para os 12 episódios restantes.

E no fim, voltamos (in)directamente a Sarah Maldoror, em **Préface a Des Fusils Pour Banta**, objecto construído a partir de fotografias durante o trabalho de repérage e rodagem (na Guiné-Bissau) da sua primeira longa-metragem, **Des Fusils pour Banta**, concluída em 1970 e hoje dada como perdida. As fotos são a única forma de se espreitar o que seria esse filme, e **Préface** mostra bastantes. Versão para exibição em sala de um projecto que foi inicialmente concebido como uma instalação (cujo modo de funcionamento é parcialmente explicado nas legendas iniciais), é na prática uma espécie de longa projecção de slides com acompanhamento por uma voz off. E se, para mais neste contexto, os “slides” nunca deixam de ser interessantes, a verborreia da voz off, sobretudo quando se destaca das memórias directas da rodagem e da preparação do filme para começar a disparar clichés “didácticos” sobre o colonialismo a torto e a direito, pode tornar-se um pouco cansativa. Mas, enfim, através dele não vemos nem os Fusils pour Banta nem a própria instalação, e é apenas o objecto que mais próximo nos deixa chegar duma coisa e de outra.

Luís Miguel Oliveira